

EDITORIAL

A presente edição da Revista Brasileira de Geografia está composta de dezessete artigos, sendo doze deles referentes ao Dossiê Clima Urbano, e cinco de submissão contínua.

Esta é uma edição comemorativa em vários aspectos. Em primeiro lugar, comemoramos, no próximo dia vinte e nove de maio, o aniversário de noventa anos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, instituição que criou e abriga até hoje nossa revista. O IBGE, pela essência de suas atribuições, estreitamente vinculadas à investigação, identificação, análise, conhecimento e divulgação dos mais variados aspectos, dimensões, dinâmicas e características dos fenômenos que compõem e marcam nossa sociedade e nosso território é, por tudo isso, um patrimônio do Estado brasileiro. Diariamente, em toda a vasta extensão do território nacional, pelas mais variadas razões, empresas de variados setores, instituições de ensino, ministérios, governos estaduais e municipais, órgãos da administração pública, instituições de pesquisa, universidades, sindicatos, entidades de classe, veículos de imprensa, embaixadas e indivíduos acessam, baixam e fazem uso de dados e informações produzidos e disponibilizados de forma gratuita pelo IBGE. A credibilidade construída ao longo de quase um século de existência voltada para atender o Estado e a sociedade em suas necessidades diárias de dados e informações, sobre o que é e como está o Brasil, cobra mais que comemoração. Chegar até aqui não é sobrevivência, é prova de atualidade, expertise, compromisso, capacidade técnica, competência e persistência, mesmo quando eventuais dificuldades tenham se interposto aos nossos trabalhos e prejudicado a vida institucional. Nossa comemoração se transforma, hoje, em determinação para continuarmos oferecendo a qualidade e a consistência que sempre caracterizaram nossa postura, nosso trabalho e os resultados que entregamos à sociedade e ao Estado.

Nesse ano também comemoramos os dez anos de retomada da publicação da RBG (2016), exclusivamente em meio digital, desde então. A RBG teve sua primeira edição impressa em 1939; tornou-se relevante instrumento de divulgação de pesquisas e projetos nos mais variados campos de estudos geográficos, além de atualizar a comunidade acadêmica/científica brasileira sobre eventos nacionais e internacionais nestas áreas. Nos últimos dez anos, a RBG vem se consolidando como instrumento que promove a interface do IBGE com o meio acadêmico/científico, divulgando trabalhos, pesquisas, operações técnicas e produções acadêmicas de nossas/os técnicas/os, ao mesmo tempo que expande a divulgação de trabalhos e pesquisas desenvolvidas por pesquisadoras/es do sistema de pós-graduação nacional no campo de estudos geocientíficos. Essa interação, necessária e vital para ambas as partes – IBGE e comunidades acadêmica/científica/institucional – tem se expandido, tanto territorialmente, quanto na diversidade dos campos de conhecimento que têm buscado publicar na RBG. A revista se afirma como meio de

discussão e divulgação de trabalhos que incorporam as análises espaciais como elemento chave para a compreensão de fenômenos que atravessam sociedade e território.

A terceira comemoração a ser registrada é de grande relevância para a comunidade dos estudos geográficos no Brasil e no mundo. Trata-se do centenário do nascimento de Milton Santos, que comemoramos no dia 3 de maio de 2026. A obra de Milton Santos tornou-se referência indispensável ao conhecimento e interpretação das relações entre sociedade e espaço, particularmente desde que o mundo ingressou na assim chamada globalização. Milton captou, como poucos pensadores à época, a armadilha que se instalava para os povos nessa nova fase do capitalismo. Sua obra influenciou e influencia o pensamento crítico brasileiro e está presente em nossos projetos e pesquisas. A contracapa da 2ª edição de *A Natureza do Espaço* (HUCITEC, 1997) define bem o impacto da obra para o pensamento crítico: “*Esta obra interdisciplinar oferece um tratamento pioneiro às relações entre a técnica e o espaço e entre o espaço e o tempo, bases para a construção de um sistema de conceitos coerentemente formulado, objetivando definir o espaço geográfico e seu papel ativo na dinâmica social*”. O IBGE é tributário da grande contribuição de Milton Santos ao pensamento social crítico brasileiro. Pela importância de sua obra, atribuímos seu nome ao nosso Atlas Nacional. Desde a década de 1990 ele se denomina Atlas Nacional do Brasil Milton Santos. Também lançamos o edital Dossiê Milton Santos, que terá edição em setembro de 2026 da RBG.

A edição que agora divulgamos traz cinco artigos de submissão contínua. O primeiro, intitulado “*Farinha de Munduruku de Jacareacanga: um estudo de caso acerca da viabilidade do reconhecimento como Indicação Geográfica*”, de Ana Luiza Tavares Silva *et al.*, da Universidade Federal do Oeste do Pará, aborda o impacto da Indicação Geográfica (IG) como ação afirmativa no fortalecimento de culturas locais. Para os autores, ela fomenta a valorização do território, potencializa a agregação de valor aos produtos e estimula a preservação da memória cultural e das práticas tradicionais. O segundo artigo, de autoria de Núbia Vieira Cardoso, da Fundação Oswaldo Cruz, intitula-se “*Aziz Ab’Saber e a Geografia própria do Brasil, ou, o que há em comum entre as descobertas do geógrafo com as narrativas históricas de povos indígenas do Alto Rio Negro?*”. A autora revisa a produção acadêmica do geógrafo, identificando a consistência de suas afirmações quanto ao papel dos povos originários na dinâmica da ocupação do território brasileiro que, segundo ela, encontra eco na cosmovisão desses mesmos povos, particularmente do povo Tuyuka, do Alto Rio Negro. O terceiro artigo, de Rodrigo Coelho de Carvalho e Carlos Lobo, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado “*O problema da unidade de área modificável na análise das migrações internas brasileiras*”. Os autores analisam o impacto do Problema da Unidade de Área Modificável (MAUP), especificamente nos estudos de movimentos migratórios internos. O artigo busca discutir e mensurar os efeitos da escala e do zoneamento na análise de migrações, tendo em conta dimensões, intensidade, impacto, conectividade e distância em diferentes escalas e recortes espaciais. O quarto artigo, de Mayã Luíza Teles Garcia (UFRJ), Julia Celia Mercedes Strauch (ENCE) e Carla Bernadete Madureira Cruz (UFRJ), intitulado “*Mapas em apoio ao estudo da fragmentação florestal da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro: uma análise cartográfica*”, investiga e discute o impacto de diferentes objetivos, recursos técnicos e metodologias no estudo de um mesmo recorte territorial, através das representações cartográficas. Pode-se notar que esse artigo e o anterior abordam aproximadamente o mesmo tema de fundo – o da representação espacial de um fenômeno e o impacto das técnicas e escalas adotadas na representação final e na própria interpretação do fenômeno em si. O quinto e último artigo dessa série – “*Ilhas de florestas*

úmidas em meio ao semiárido brasileiro: mapeamento dos brejos nordestinos de altitude do domínio da Caatinga usando sensoriamento remoto”, de Taynara Rabelo Costa e Marcelo Freire Moro, da Universidade Federal do Ceará (UFCE), busca disponibilizar o mapeamento das ocorrências de Brejos Nordestinos de Altitude (BNA) na Caatinga nordestina valendo-se, para tanto, de NDVI (Índice de Vegetação por Diferença Normalizada), modelos digitais de elevação do terreno e processamento de imagens de satélite.

Em continuidade à publicação de trabalhos submetidos no âmbito do Dossiê Clima Urbano, à qual demos início em 2025, temos o artigo de Max Anjos *et al.*, do qual extraímos a imagem de capa da presente edição e intitula-se “*LCZ4R: Um novo software para mapeamento de Local Climate Zones e análise de ilhas de calor urbanas em Aracaju – SE*”. Os autores são da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Eles destacam que o software surge como ferramenta eficiente nos estudos de clima urbano, na medida em que permite a construção de séries temporais que podem variar de horas a anos, assim como apresenta resolução espacial que varia de metros a quilômetros, como ficou demonstrado no estudo de caso aplicado à cidade de Aracaju, onde foram analisados os resultados de quatro localidades urbanas diferentes, conforme imagem que estampa a presente edição. O segundo artigo – “*Influência da configuração espacial urbana na percepção da população sobre as mudanças climáticas: uma revisão sistemática*”, de Robson Rigão da Silva *et al.*, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), investigou estudos sobre o impacto da geometria urbana na percepção da população sobre as mudanças climáticas. O artigo relacionou estudos realizados em várias cidades brasileiras, assim como outros realizados na Índia, em Singapura, Hong Kong, Reino Unido e Estados Unidos. O levantamento analisa a relação entre percepção climática, altura e densidade dos edifícios, fator de visão do céu (SFV) e ilhas de calor. Os resultados evidenciam que a configuração espacial das cidades impacta diretamente a forma como a população percebe as variações climáticas. O terceiro artigo selecionado intitula-se “*Capacidades organizacionais de gestão de riscos de desastres geo-hidrológicos em municípios prioritários no Brasil*”, de André Luiz Martins Cotting *et al.* (UNESP/INPE/CEMADEM/UFABC/FGV). O artigo avalia necessidades e capacidades para a Gestão de Riscos e Desastres (GRD) nos municípios brasileiros mais suscetíveis a deslizamentos e inundações. Segundo levantamento dos autores há, atualmente, 2.086 municípios listados no Cadastro Nacional de Municípios com áreas suscetíveis à ocorrência de deslizamentos de grande impacto, inundações bruscas ou processos geológicos ou hidrológicos correlatos. A pesquisa inventariou os instrumentos de planejamento para a Gestão de Riscos de Desastres e a relação destes com a governança, a estruturação e a capacitação da GRD nas organizações locais.

Para além dos três artigos aqui listados, há uma variedade de artigos que tratam da questão do aquecimento do ar atmosférico e da formação das ilhas de calor urbano. São abordagens diferenciadas dentro do mesmo tema e representam contribuições relevantes de variadas instituições brasileiras. Restam ainda alguns artigos que serão publicados na edição de setembro da RBG. O tema Clima Urbano mostrou-se de inequívoca relevância e a RBG é grata por todas as contribuições recebidas. Estamos abertos à renovação desta e de outras parcerias.